



Bala de Fuzil

Carlisson Galdino

Bala de Fuzil - Cárliston Galdino

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Bala de Fuzil

Versão atual: **1.1**

Data de Publicação: **janeiro de 2012**

Classificação: **Poesias**

Autor: **Cárlisson Galdino**

Site: **<http://www.carlissongaldino.com.br>**

Contato: **bardo@carlissongaldino.com.br**

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Índice

<i>Coelho Alado</i>	11
<i>Guerra nos Ares</i>	12
<i>Caçadores</i>	13
<i>Caçadores Amadores</i>	14
<i>Temporada de Caça</i>	15
<i>Caçadores de Asas</i>	16
<i>O Último Falcão</i>	17
<i>Luta Contra o Mar</i>	18
<i>O Anjo e o Falcão</i>	19
<i>Traição</i>	20
<i>Queda</i>	21
<i>O Vôo do Pégaso</i>	22
<i>Asas Brancas</i>	23
<i>Arrependimento</i>	24
<i>Remorso</i>	25
<i>A Nova Chance</i>	26
<i>Proteção</i>	27
<i>Rompendo Laços com o Passado</i>	28
<i>Despencar</i>	29

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

<i>Salto da Sala</i>	30
<i>A Nova Ordem</i>	31
<i>O Golpe do Mar</i>	32
<i>Águia ao Mar</i>	33
<i>Águia Negra</i>	34
<i>Águia Negra Enlouquecida</i>	35
<i>A Espera</i>	36
<i>As Asas do Avião</i>	37
<i>Athenas</i>	38
<i>Fim da Espera</i>	39
<i>Atitude</i>	40
<i>Nova Temporada</i>	41
<i>Castigando Inocentes</i>	42
<i>Nunca Vi</i>	43
<i>Asas de Paz</i>	45
<i>Águia Livre</i>	46
<i>A Última Águia</i>	47
<i>Derrota pelo Ódio</i>	48
<i>Águia Branca</i>	49
<i>Duas Águias</i>	50

O Dia da Caça

Um estrondo ecoou no céu anil
A selva responde sem dar resposta
Não afirma que é bom, nem que não gosta
Do tiro que tão alto ouviu e viu

Mas depois o céu se torna sombrio
As nuvens adquirem negras cores
Os ventos sopram contra os predadores
Só para dores sua arma serviu

Mas no fogo se esconde uma alma fraca
Um que de sangue de outros se cobriu
Esse homem agora saca uma faca

Em seu peito age um horrível vazio
O tigre da moita, num salto o ataca
Estraçalhando o senhor do fuzil

Novas Balas

Um tiro brutal o silêncio cerra
Um tiro normal no meio da guerra
São irmãos que agem como inimigos
Se enfrentando desde os tempos antigos

Um tiro normal anuncia o mal
Mas em um confronto isso é bem normal
Povos irmãos se ferindo ainda mais
São homens que fingem ser animais

Covardes empurram homens em bando
Em luta sem que haja necessidade
São reis que só vêem seus homens lutando

E vem a já conhecida verdade
Novas balas e armas se inventam quando
Quer parecer forte cada covarde

Bala de Fuzil - Cárliston Galdino

O Bravo

O bravo bradará da Terra
Um heróico brado que aterra
Abalando o planeta inteiro
O bronze de cada guerreiro

O bravo bradará da Terra
Quando do mar a água berra
E num belo raio certo
A branca nuvem cai ligeiro

O bravo bradará à Terra
Que a branca luz da vida cerra
Este bravo a quem ninguém mande
O que promete paz onde ande

O bravo bradará à Terra
E banindo as balas da guerra
Dentre os heróis da causa grande
O bravo enorme espada brande

Criação Explosiva

No centro da terra que fica ao norte
Um homem idoso sedento seguia
Um homem ansioso por se mostrar forte
E por isso em invenções se perdia

E trabalhava até de madrugada
Buscava a força e a luz do trovão
Já não bastava se lutar com espada
Ele quis mais e não pesquisou em vão

Tal homem lançaria a nova linha
Numa louca busca que o iludiu
E a testou, com a dedicação que tinha

E sua casa em segundos explodiu
Nesse dia a pólvora à Terra vinha
E nela nascia a bala de fuzil

Desigualdade

Um dia um bravo e honrado cavaleiro
Que não perdera nunca uma luta
Foi desafiado por um pistoleiro
Para um combate na frente da gruta

O cavaleiro com a espada de ouro
Foi se encontrar com o desafiante
Desconhecendo a arma de estouro
Não receou sequer por um instante

Partiu e foi ter co'aquele rapaz
Lá estava ele, fora da cidade
E contra o alvo em ataque voraz

E o invencível, alheio à verdade
Contra o covarde se lançava, mas
Veio, ao som de um trovão, desigualdade

A Bala que Trai

Muitos matou com uma arma tão podre
E um desafio novo a cada dia
Porém cada vez mais armas e coldres
Então o equilíbrio estabelecia

Mas num certo dia ele foi pra casa
Tinha uma arma nova, desconhecida
No comércio todo segredo vasa
Seria comum semana seguida

Mostrava à esposa a arma com graça
Mostrava a relíquia recém-obtida
E ele a mirava como a uma caça

Mas uma explosão, de fora é ouvida
Apenas um tiroteio na praça
Num susto, no entanto, tirou-lhe a vida

Bala do Arrependimento

Do alto do céu, além do firmamento
Podem ser vistos fuzis invisíveis
Um mira o covarde por um momento
O que torna os absurdos possíveis

Como consta em papiros ilegíveis
De onde fora lido em ritual lento
Que do mais alto dos mais altos níveis
Um projétil denso vira ao vento

Um projétil carregado e vazio
E tão suave e leve como o vento
Trazendo do céu um pouco do anil

Vem de um fuzil pelos ares sedento
E dentre as nuvens do espaço partiu
A ele a bala do arrependimento

Correção

Pobre homem, que agora ao chão cai em
pranto

Vendo o corpo inerte largado ao canto
O corpo de sua esposa tão querida
O de quem, sem querer, tirou a vida

E só depois de crime, arrependido
De tal arma uma vez ter conseguido
É que percebe o quanto estava errado
Ao por tanto tempo só ter matado

Ele se vê como um ser desgraçado
Ajoelhado no chão ainda chora
Destruíra o que lhe era mais sagrado

Antes de ao céu mandar o corpo embora
Deve acertar as contas c'o passado
Do alto da ponte jogar a arma fora

Duelo Recusado

E caminha em direção à ponte
Iniciando uma bela história
Que talvez alguém um dia conte
Pois abriu mão do poder e glória

Aparece a ponte à vista
Mas havia dois vultos à espera
À espera também quem assista
À luta de homens como feras

São dois que queriam duelar
C'o mor pistoleiro que existiu
Avisam e mandam começar

Ele apenas pega o item frio
Como nada o fará lutar
Simplesmente joga a arma no rio

Bala da Derrota

Os dois permanecem parados
Diante da bizarra cena
Um deles se sente humilhado
O outro vê: não valia a pena

O segundo baixa a cabeça
E se afasta em passos lentos
E que nunca mais se esqueça
De quando caiu o firmamento

Pois vinham sonhando os dois
Por um desafio, longa rota
Para que em vão fosse depois

Ele abandona a vida torta
Não há mais o que fazer pois
O atinge a bala da derrota

Bala da Fúria

O outro não pode aceitar
Uma derrota sem combate
O que queria era lutar
Agora essa dor o abate

Seu aliado se afastando
Como ele, desiludido
O presente só lhe lembrando
Mas não aceita o ocorrido

O povo começa a vaiar
A cena que viram passar
Desesperando-o pela injúria

Do infinito espacial
Percorrendo a via astral
O toma a bala da fúria

O Bote do Tigre

Correndo num terreno arborizado
Um tigre então alcança seu caçador
Segundos pelo tempo ampliados
Sobre ele salta com fúria e vigor

Um bote desse tipo certamente
Daria fim fosse qual fosse o ser
Quer fosse um animal ou fosse gente
Decerto esse tal tigre iria vencer

Pedaços viraria a ousada vítima
Iguar no mar se morre um voador
Por tão enorme e má força marítima

Mas seu futuro lhe foi traidor
Num ato de uma injustiça legítima
É morto por fuzil o vencedor

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Bala da Solidão

A Fúria grita à Derrota
Saca sua arma e mira
O povo então pára e nota
Contra o pobre ele atira

É a explosão de uma bala
Levando um homem ao chão
Mais uma vida que cala
E alegra a multidão

O povo, agora contente
Por mais uma morte em vão
Festeja euforicamente

Mas quem lançara o trovão
Nesse momento só sente
A bala da solidão

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

O Soldado

Voltou o soldado
Ao campo minado
Na nova batalha
De novo metralha

Pela catarata
Do topo da mata
Mata quem tentou
Lutar e fracassou

As bombas explodem
Acertá-lo podem
Mas ele não pára
Na tropa dispara

Metia a cara
De coragem rara
Mas a morte lhe riu
Por seu próprio fuzil

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Bala Achada

Abandona o fuzil
Uma bala veloz
Enquanto escuta a voz
De um guarda do Brasil

E passa de raspão
Por um pobre rapaz
Um que não roubou, mas
Chamaram de ladrão

Atravessa a vidraça
Da loja do culpado
Que acusou o coitado
Mas pela loja passa

Por pouco, muito pouco
Não fica em um drogado
E num aposentado
E em um velho louco

Terminou enterrada
Em um trabalhador
Que hoje não trabalhou
Por causa do horóscopo

Tristeza na Festa

O povo agora berra
Ao grande vencedor
Que matou sem temor
Seu parceiro de guerra

Seu único aliado
Morto por suas mãos
Eram como irmãos
Hoje está acabado

Torcedores radicais
Comemoram pelas ruas
A morte de alguém por trás

Só restam tristezas suas
E sua arma não quer mais
E o rio agora tem duas

© Andarilho

Seguiu a andar sozinho desde então
Tanto que até pensou em se matar
Mas isso só iria piorar
A sua já infeliz situação

Andando só sentia a maldição
Sentindo-se também o próprio mal
Que chegou a matar qual um animal
Sem conseguir conter a frustração

O Sol já não era mais alegria
E toda aquela dor o perseguia
Fôra tomado por tanto tormento

E a partir daquele dado momento
Durante o dia, da luz se escondia
E ao cair a noite, as trevas temia

Bala da Maldição

Como se amaldiçoado
Pelo seu próprio passado
Vê-se alvo, e com razão
Da bala da maldição

Vítima de tal lição
Fez sua própria prisão
Já não traz o seu passado
Quão errante tem andado

No bar, um gole de vinho
Sem mais grana pra pagar
Seguindo um torto caminho

Nada lhe fará mudar
E assim prossegue sozinho
A uma bala buscar

Face a Face

Mais uma vez no horizonte o sol nasce
Quando ele chega a uma nova cidade
Cidade a qual um exército invade
Mas a dor fez com que ele não notasse

É uma nova manhã e o sol nasce
Mas a maldição que há tanto o invade
O faz andar sem saber a verdade
Por mais que do lugar se aproximasse

E chega à cidade enquanto o sol nasce
Gritos lhe chegam, chegando do norte
Mas pelo norte ele espera que passe

Assustados fogem à toda sorte
Quando o inimigo lhe mostra a face
E lhe ameaça de instantânea morte

Bala da Piedade

A face do mal se ergue no fuzil
O inimigo segue em ato insano
Eis que o pouco do que tinha de humano
Por um momento essa luz reluziu

Enquanto mirava o sujo andarilho
Por um momento seus olhos fitou
Viu que ele nem ao menos hesitou
Viu que seus olhos perderam o brilho

Era um viajante errante e sem classe
E não era essa a primeira cidade
Saqueando tudo por onde passe

Agora cheio de serenidade
Distanciou o fuzil de sua face
O atingira a bala da piedade

Sangue nas Nuvens

E as nuvens em sangue manchadas
Por facas, fuzis e espadas
Escondem o céu estrelado
Para nos lembrar o passado

Os leves tons avermelhados
Trazem a dança dos machados
Numa guerra desenfreada
Onde todos lutam por nada

Tanto sangue jogado ao chão
O presente pra elas se curva
Como se pedisse perdão

Vermelha nuvem tira a luva
E da cicatriz de sua mão
Caem rubros pingos de chuva

Interpretação

Ele prefere deixá-lo sozinho
Viu em seus olhos brilhos apagados
Então se vira e retoma o caminho
Pra trás, um homem ainda em pedaços

Quando pensou em matar o andarilho
Naquela hora em que seus olhos via
Quando já tinha o dedo no gatilho
Viu: era aquilo que o homem queria

Por isso o deixou vivo na cidade
Se disparasse um tiro de fuzil
Seria o homem feliz de verdade

Como castigo o deixou e partiu
Atingiu-no a bala da piedade
Mas não foi piedade que sentiu

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Condução

Às vezes as balas tomam alguém
E esse alguém segue o que elas queriam
Chegando ao final previsto, porém
Sem transformar os que as conduziam

Quando essas balas de fuzil o ferem
Há que fazer o que elas 'tão querendo
Porém não basta chegar ao que querem
Há que se ver as forças o movendo

Bala do Isolamento

Segue com os homens com o ouro do povo
Deixou o suicida sozinho na cidade
Estaria pronto para fazer de novo
Por necessidade, prazer ou maldade

Pela manhã seguem sem nenhum esforço
Pelo meio-dia o Sol neles arde
Então páram para o descanso e o almoço
Depois continuam, até o fim da tarde

Chegam à floresta co'a noite já caindo
Acendem fogueiras. E um acampamento
A Lua deseja boa noite, sorrindo

Mas ele se acorda por obra vento
No meio da noite, aliados dormindo
Vem dos céus a bala do isolamento

Traição sob o Manto da Noite

No frio da noite, sob o firmamento
Ele segura a espada firmemente
E se levanta dentre a sua gente
E segue para seu ouro nojento

E com o ouro passa a andar lento
E vê nesse seu ato algo excelente
E já bem perto da saída ele sente
Que conseguirá escapar ao vento

Logo após demorado momento
De querer tentar, ele finalmente
Consegue abandonar o acampamento

Quem hoje trai quem o segue fielmente
Ele os trouxe para esse movimento
Hoje ele planta uma podre semente

Intercepção

E segue andando à próxima cidade
Levando nas costas suja riqueza
Mas nessa cidade entra, não invade
Vai à taverna e procura uma mesa

O sol já saiu de seu áureo berço
Ele se senta e pede uma bebida
E bebe enquanto resta só um terço
Para chegar sua tropa enfurecida

Bebe somente pra comemorar
Uma, duas, e outras a tomar
Quando resolve ir pra outro estado

Se levanta e então paga a bebida
Pega a grana e caminha para a porta
E por três homens é interceptado

Bala de Fuzil - Cárliston Galdino

Segunda Bala

Os três homens já com armas em mão
A bala que o fez fazer o que fez
A que o conduziu a essa solidão
A bala o atinge a segunda vez

Vindo dessa vez ainda mais clara
A bala lhe exige que o ouro entregue
Sem pensar em nada assim ele pára
E joga o tesouro pra que alguém pegue

Da bolsa eles veem o ouro com alegria
Armados desatam a gargalhar
A mangar de tão grande covardia

Prestes a partir, trio a se virar
Quando logo o bar o trio deixaria
A tropa enfim acaba de chegar

Lance de Magia

Ele vê sua tropa chegar
E mostra uma falsa alegria
E a tropa pode interpretar
Da forma que ele queria

"Os três que roubaram o dinheiro
Mas por quê sozinho partiu?
Não, é melhor que primeiro
Tiremos a grana do trio"

O trio sente o que viria
Já se junta a multidão
Ao coldre cada mão seguia

Com todos de armas em mão
Mas em um lance de magia
Virou areia a munição

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

A Terceira Bala

Todos tentam disparar e nada
Nada sai e resolvem lutar
Pelas armas deixaram espadas
Terá que ser ao modo vulgar

E com fúria fazem a peleja
Com seus punhos, braços e suas pernas
As de mesa, frascos de cerveja
Destruindo assim toda a taverna

Mas o líder de novo atingido
Pelo além pra ir sem despedida
Uma chance de mudar a vida

Mas o líder sequer dá ouvidos
A bala tenta na terceira vez
É dessa vez uma bala perdida

Trégua

Apossa-se mais uma vez
Da grana que não lhe pertence
E foge assim sem se importar
Se o seu time perde ou se vence

O dinheiro veio por roubo
E agora será diferente
Ele paga caro um eqüino
E se vai dali velozmente

Montanhas, florestas e pontes
Percorre sobre sua égua
Só pára pra deixar uns contos

Após uns milhares de léguas
Vê a cidade de seus sonhos
E as nuvens armadas dão trégua

Balas de Prata

Numa mansão abandonada
Já sabe o que vai encontrar
Mas como já não teme nada
Ainda assim ousa enfrentar

A besta de seus pesadelos
Que destruiu a sua vida
Nada mais poderá detê-lo
Vingança quer ser conseguida

Já transpôs os portões com toda
Precaução e cruzou a mata
No castelo a fera se esconde

Na arma seis balas de prata
Ao vê-la dispara seis balas
Se some pelas balas ratas

Ansiedade

Há algo errado
Numa viagem comum
Não foi nada natural
O tempo ficou parado

Há algo errado
Tudo que nunca se via
A paisagem verde e anil
Era uma fotografia

Há algo errado
É sua ansiedade
Por deixar o seu passado

Por rixa ou necessidade
Mesmo sentindo algo errado
Ele alcança a cidade

O Giro da Roleta

Ele segue com seu cavalo
Através das ruas noturnas
Se dirige logo ao cassino
Ninguém mais podia ajudá-lo

E aposta algumas moedas
E mais outras logo depois
Mas por mais que ele tentasse
Perdia o que era apostado

Porém o que era apostado
Era quase nada até que
Apostou tudo o que restava

Via-se a roleta girar
E por amparo ou traição
Um golpe de sorte ou azar

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Fim de Jogo

Cego por sua ganância
Por ter ganho àquela vez
Continuou a jogar
A própria vida no chão

Não foi simplesmente sorte
À noite, à mesa de apostas
Ganhou por vezes seguidas
Mas outras tantas, perdidas

É a vida, é a vida dele
No meio da noite então
Já co'uma grana na mão

O chama uma meretriz
Ele deixa o jogo para
Talvez tentar ser feliz

Bala de Fuzil - Cárliston Galdino

Rasteira

Há algo errado
Os fuzis o deixaram aqui
E agora ele já não vê que
Não é algo, está tudo errado

Álcool e perfume barato
Ele já fora de si
Já era esperado se
Imprudência lhe é um Dom nato

Os dois seguem para o quarto
Ela só fica uns instantes
E o deixa lá inconsciente

Ele não vê que ela habilmente
Levou a fortuna restante
Mas a má sorte o seguia de antes

O Soldado 99

Caminhou o quanto podia
Podia ser perigoso mas
Sabia que escolha não teria
Teria que atravessar a selva

Precisa prender a quadrilha
Trilha o caminho com uma faca
Saca de tão singular arma
E arma ali uma armadilha

À grade escuridão, ao frio
Viu que na selva estava só
Só entre aquela selva e rio

Enfim o soldado sorriu
Viu a tensão em cada nó
Só, pôde vencer o fuzil

A Visita

Uma semana depois
Depois daquele cassino
Ela vai bater às portas
Do castelo da montanha

Atendida por criados
Trajando brilhantes fardas
Hoje será diferente
Hoje parece decente

Gastou o que conseguira
Em nome do seu amor
Talvez só um sonho egoísta

Eles a levam pra dentro
E ela não crê no que vê
O nobre joga c'os criados

A Última Cartada

Um tanto desapontada
Não importa
Tenta mesmo assim
Conquistá-lo como sempre tentou

Mas embora ela fosse bonita
Por arrogância ou intuição
Por mais que ela tentasse
Ele não lhe dava atenção

Ela deixa o castelo
Acabou
Ela deixa seu sonho

Volta pra casa arrasada
De esperanças mais nada
Era a última cartada

O Abrigo do Nobre

Com os criados até entardecer
Comeu, bebeu, como estando entre amigos
Dias em que não há o que fazer
O fazem jogar até com mendigos

Mas quando é chegada a noite ele os deixa
Passa pelo jardim cheio de plantas
Mesmo com a distância, não se queixa
Pra chegar à sala, as salas são tantas...

Mas finalmente ele chega aonde quer
À sua sala de observação
De onde vê sempre uma estrela qualquer

De onde em paz grita a imensidão
Show que não perde uma noite sequer
De onde contempla a própria solidão

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Imune

Há anos ele fita o céu escuro
Há tantos que nem os tem em conta
Há anos, por trás do imaterial muro
Algum fuzil celeste pr'ele aponta

Sempre ele fita os astros de seu quarto
Por muitas horas antes de ir dormir
E jamas, até hoje, esteve farto
De a tão bela paisagem assistir

E quem que poderia julgá-lo errado
Por contemplar o tão belo vazio?
Seria acaso inocente ou culpado?

Dessa vida jamais ele saiu
Se por tantos anos se tem mostrado
Ser ele o homem imune ao fuzil

União

Os céus olha, pasmo com a beleza
Do céu, dos astros que a ele dão vida
À guerra que não será vencida
Assiste ele de sua fortaleza

Não crê às vezes ser filho da Terra
Tanto o fascinam astros que giram
Mal sabe que também o admiram
E só por ele seguem co'a guerra

Mas em 'nexplicável sinfonia
Os astros se unem, numa explosão quase
De novos tons-formas se vestia

E à Terra mandaram um raio que
Ao chão apontado e, nesse dia
O espaço o levou pra junto a si

Na Ponte

Leve brisa sobre a Terra
Silêncio, vida, vazio
Ela perdeu tudo o que tinha
E o que ela não tinha
Desistiu de procurar

Ela ruma à mesma ponte
À ponte que tem duas armas
Vem trazendo uma terceira
Não há razão pra viver
Se sua vida a desprezou

Ela chora já sem lágrimas
Ergue a arma e a põe no ouvido
Está decidida e não
Desistirá do que quer
Ela não quer mais a vida

Mas o nobre assiste à cena
O nobre ergue seu fuzil
E antes que ela dispare
Chega primeiro ao gatilho
Do infinito emerge um brilho

O Senhor do Fuzil

A bala se instalou naquele
Que foi o maior pistoleiro
Vagava pelos arredores
Quando viu a moça na ponte

- Não! Não faça essa besteira!
E correu e lhe tomou a arma
E a arma atirou no rio
E a moça depois em seus braços

Num abraço se conheceram
Casaram-se dias depois
Distantes das armas, os dois

Mas ainda haverá alguém que brinque
Com armas, mas sendo brinquedo
Do etéreo Senhor do Fuzil

Bomba Atômica

É num estrondo que enegrece o céu
A branca luz no centro da explosão
Pena de morte sem provas ao réu
Pena de morte a toda uma nação

Quando o Célcios fundiu até os carros
Kelvinianos, guerreiros do inferno
Reduziram o corpo humano a barros
E seus palpites do que era eterno

Partículas com seus gritos afonos
Linhas da matéria viva rasgaram
Como se fossem as chamas sem dono

Concretizou-se o que profetizaram
Quando daqueles montes de Carbono
Aquele último elétron retiraram

Bala de Fuzil - Cárlisson Galdino

Bomba Atômica #52